

Cláudia Barbosa Reis



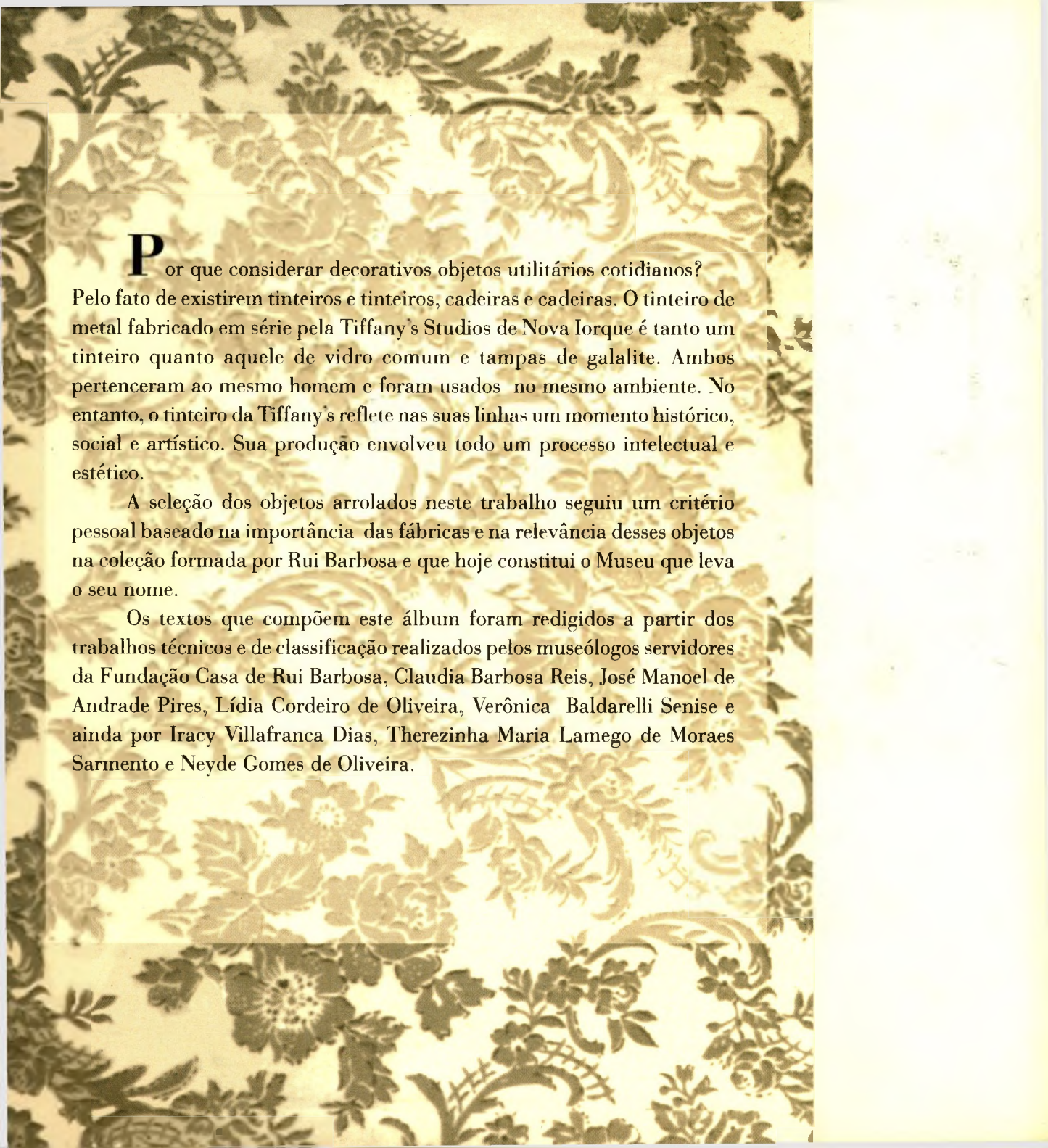
Álbum
de OBJETOS
DECORATIVOS

ESTUDO DO ACERVO DO MUSEU CASA DE RUI BARBOSA – I

Ministério da Cultura



Fundação Casa de Rui Barbosa



Por que considerar decorativos objetos utilitários cotidianos? Pelo fato de existirem tinteiros e tinteiros, cadeiras e cadeiras. O tinteiro de metal fabricado em série pela Tiffany's Studios de Nova Iorque é tanto um tinteiro quanto aquele de vidro comum e tampas de galalite. Ambos pertenceram ao mesmo homem e foram usados no mesmo ambiente. No entanto, o tinteiro da Tiffany's reflete nas suas linhas um momento histórico, social e artístico. Sua produção envolveu todo um processo intelectual e estético.

A seleção dos objetos arrolados neste trabalho seguiu um critério pessoal baseado na importância das fábricas e na relevância desses objetos na coleção formada por Rui Barbosa e que hoje constitui o Museu que leva o seu nome.

Os textos que compõem este álbum foram redigidos a partir dos trabalhos técnicos e de classificação realizados pelos museólogos servidores da Fundação Casa de Rui Barbosa, Claudia Barbosa Reis, José Manoel de Andrade Pires, Lídia Cordeiro de Oliveira, Verônica Baldarelli Senise e ainda por Iracy Villafranca Dias, Therezinha Maria Lamego de Moraes Sarmiento e Neyde Gomes de Oliveira.

Álbum
de OBJETOS
DECORATIVOS

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Cultura
Francisco Weffort

Fundação Casa de Rui Barbosa

Presidente
Mario Brockmann Machado

Diretora Executiva
Rosa Maria Barboza de Araújo

Diretor de Administração
Orlando de Souza Cadengue

Diretora do Centro de Memória e Documentação
Magaly Cabral

Diretor do Centro de Pesquisas
José Almino de Alencar e Silva Neto

Álbum de Objetos Decorativos

Texto
Claudia Barbosa Reis

Fotografias
Marcel Gautherot
Fausto Fleury

ISBN 85-7004-190-x

Reis, Cláudia Barbosa

Álbum de Objetos Decorativos / Cláudia Barbosa Reis.- Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.

44 p. - (Estudo do acervo do Museu Casa de Rui Barbosa: 1)

1. Museu Casa de Rui Barbosa - Acervo. I. Fundação Casa de Rui Barbosa. II. Título. III. Série.

CDU 069.02:92 (086.6)

Cláudia Barbosa Reis



Álbum
de OBJETOS
DECORATIVOS

ESTUDO DO ACERVO DO MUSEU CASA DE RUI BARBOSA – I

Ministério da Cultura



Fundação Casa de Rui Barbosa 1997

SUMÁRIO

7 APRESENTAÇÃO

9 A CASA DE RUI E MARIA AUGUSTA

13 OS OBJETOS DECORATIVOS

13 ARTE ORIENTAL

17 GRANDES MAGAZINES

22 PRATARIA E METAIS

26 CRISTAIS E VIDRARIA

28 MOBILIÁRIO E TÊXTEIS

32 PORCELANA E CERÂMICA

40 BRONZES



APRESENTAÇÃO

Após a morte de Rui Barbosa, em 1923, o Governo Federal decidiu incorporar ao Patrimônio Público sua casa, com seus pertences. Em 13 de agosto de 1930, o Museu Casa de Rui Barbosa foi inaugurado, sendo o primeiro museu brasileiro no gênero – um museu-casa.

Ao longo dos seus sessenta e seis anos de existência, o acervo do Museu vem sendo preservado e/ou restaurado, bem como documentado e pesquisado, cumprindo-se assim duas funções básicas de todo museu.

Em termos museológicos, entretanto, para que se dê a produção de conhecimento por parte do usuário a partir do bem cultural preservado, o processo de comunicação, terceira função básica e que traduz a própria essência do museu, é fundamental. Assim, a partir de 1980, a equipe do Museu deu início ao Projeto “Peça do Mês”, com o objetivo de aprofundar a pesquisa sobre o acervo, mas principalmente com a intenção de comunicá-la ao usuário.

Com a presente publicação, primeiro volume da série Estudo do Acervo do Museu Casa de Rui Barbosa, dá-se mais um passo neste processo de comunicação, oferecendo-se ao público a compilação dos estudos realizados sobre peças do acervo.

Rio de Janeiro, dezembro de 1996

Magali Cabral

CHIEFE DO MUSEU





A CASA DE RUI E MARIA AUGUSTA

Rui Barbosa adquiriu a casa número 104 da Rua São Clemente em 1893; pouco depois, acusado de envolvimento na Revolta da Armada, foi obrigado a exilar-se, primeiro em Buenos Aires e depois em Londres, de onde retornou, em julho de 1895, para residir na casa que adquirira.

Enquanto exilado em Londres, Rui Barbosa manteve correspondência com os parentes e amigos Carlos Nunes Aguiar, João Luís Viana, Carlos Viana Bandeira e Antônio Ferreira Jacobina¹. Nessas cartas são mencionadas as obras levadas a cabo por Jannuzzi, Irmão & C., mas não aparecem descritas nem especificadas. Comparando-se a casa como se apresenta hoje com o descrito na escritura de venda do seu primeiro proprietário, Bernardo Casemiro de Freitas, Barão da Lagoa, para o Comendador Albino de Oliveira Guimarães, em 1879, percebe-se que a configuração geral do imóvel não foi alterada.

Carlos Viana Bandeira² refere-se à construção de uma escada de ferro de dez degraus à entrada lateral esquerda, e na apresentação das contas o construtor menciona reformas na coqueira e a pintura completa do imóvel. Sabe-se ainda, pela correspondência com Antônio Ferreira Jacobina, que, no acerto das contas, a firma responsável pelas reformas ficara encarregada da

compra e colocação dos papéis de parede, embora Rui, a princípio, tivesse imaginado adquiri-los em Londres, segundo medidas enviadas por Carlos Viana Bandeira.

“Sua casa está pronta, muito linda e bem ornada”, escreveu o primo Bijuca, João Luís Viana, residindo na casa durante as obras, a fim de melhor gerenciá-las.

Não se sabe com exatidão qual a feição da casa em 1895, quando Rui veio a ocupá-la. Não há registro da data da instalação dos banheiros e encanamentos. Da decoração interior do imóvel, construído no estilo neoclássico quarenta e cinco anos antes da sua ocupação pela família Rui Barbosa, pouco se conhece. Edgard Batista Pereira³ descreve uma feição diversa daquela que o museu apresenta hoje. Pelas fotografias feitas em 1923 e publicadas em reportagens sobre a morte de Rui Barbosa, nas revistas *Fon-Fon* e *Paratodos*, constatamos ambientes cheios de *chinoiseries*, almofadas, rendas e bibelôs. “As tetéias que se botavam aqui e ali em volta da sala.”⁴

A casa de Rui Barbosa não fugia ao estilo das residências aristocráticas do Rio de Janeiro daquele tempo, que refletiam nos seus interiores o consumo de produtos importados e exóticos. A exemplo do que ocorria com a indumentária, o gosto europeu influenciava a decoração das casas

abastadas. O interesse pela arte oriental marcou o final do século XIX tanto na Europa quanto na sociedade carioca, que em tudo imitava a parisiense. Os potiches, os biombos, as pequenas estantes, os móveis de estrutura de cana com incrustações, os laqueados, os bronzes orientais misturavam-se, nesta casa, ao mobiliário trazido da Europa ou adquirido em lojas como Leandro Martins⁵.

Depoimentos de familiares, inclusive da própria viúva, D. Maria Augusta, nos contam que Rui se interessava pessoalmente pela decoração da casa, pela compra dos objetos. “A casa merecia-lhe um especial carinho. Era ele quem escolhia as alfaias, os móveis, os cristais, os quadros, todos os adornos de nossa residência. Era profundamente artista. As faianças, os mármore e os bronzes atraíam-no, fascinavam-no extraordinariamente. As peças grandes, como os dois grandes *cloisonnés* de Pequim, que a Câmara Federal lhe ofereceu, mereciam-lhe estima e admiração; mas as pequeninas peças, as estatuetas, as miniaturas, eram a sua paixão e o seu culto. Ele tinha numa de suas secretárias, arrumadas por ele próprio, um bando de músicos de velho Saxe, que comprou num antiquário de Paris. Comprando ora aqui, ora ali, ele reuniu uma coleção enorme de objetos, que, ao sairmos da casa de Botafogo, foi repartida consideravelmente.”⁶ As netas Lucila e Stela Batista Pereira⁷ recordam as figurinhas de Saxe, “orquestras de anjinhos e bailarinas muito bonitas” com que Rui presenteava a esposa e que ela espalhava pela casa. Tudo se arranjava

conforme o gosto pessoal de Rui e de D. Maria Augusta.

Ao procedermos à análise técnica de cada objeto decorativo que hoje compõe o acervo do museu, não pudemos deixar de pensar na personalidade e no gosto pessoal dos moradores dessa casa.

D. Laura Rodrigo Otavio⁸, no depoimento que prestou ao museu, relembrou as compras nos grandes magazines do centro da cidade: Mappin & Webb, Casa Milliet, posteriormente adquirida pelos irmãos Leonardos e que tomou tal nome, Loja da America e China, onde se compravam, além de louças e móveis importados, “especificidades para limpeza e outros usos”.

Documentos contábeis e cadernos de despesas⁹ revelam que era nessas grandes lojas que Rui Barbosa provavelmente escolhia aquilo que mais o sensibilizava, aquilo que se adaptava à decoração do ambiente em que vivia. Em catálogos de grandes magazines europeus confirmamos a origem de peças de mobiliário e de objetos decorativos que fazem parte da Casa de Rui Barbosa, hoje transformada em museu. O estudo para a classificação desse acervo museológico impôs um questionamento: por que esses determinados objetos foram escolhidos para compor o universo em que Rui Barbosa viveu? Qual o significado de cada um deles dentro desse universo?

Conhecendo-se o caráter metódico da personalidade de Rui Barbosa, entendemos que nada foi adquirido ou disposto na casa sem um

sentido, sem que fizesse parte de um cenário íntimo, pessoal e exclusivo.

Na biblioteca de Rui encontramos algumas obras sobre arte e educação artística. A coleção publicada pela Gowan's Art Books Ltd., Glasgow, 1908, sobre grandes pintores tem, no volume 10, "The Masterpieces of Murillo", à página 34, a fotografia da tela "A Virgem com o Rosário", pertencente ao Museu do Prado, cuja cópia o casal Rui Barbosa adquiriu durante o exílio, de passagem por Madri. As marcas feitas por Rui nos textos sobre arte oriental nos "Rapports" sobre as sucessivas "Expositions Universelles de Paris"¹⁰, atestam não apenas a leitura, mas também a orientação para a aquisição dos potiches, vasos e abajures originários da China e do Japão. Encontramos ainda na sua biblioteca dois catálogos de galerias de arte onde algumas telas estão assinaladas, atestando o interesse por aquisições que não sabemos se foram concretizadas.

Todo colecionador é levado à aquisição de cada item da sua coleção por sentimentos próprios – a atração e a compulsão para adquiri-lo. Uma compulsão tão forte que torna cada item essencial. Só o colecionador entende, ou sente, que cada objeto adquirido é único e necessário dentro da sua coleção.

Naturalmente, ao adquirir os objetos decorativos que ornavam a sua residência, Rui não teve o intuito de formar uma coleção. Mas acabou formando. O acervo desta casa histórica está classificado em coleções e subdividido em categorias segundo a sua tipologia. Foram, desse

modo, considerados Objetos Decorativos, aqueles cuja produção envolveu um processo criativo, intelectual e estético. Um tinteiro de metal fabricado pela Tiffany's Studios de Nova Iorque é tanto um objeto utilitário quanto aquele comum, de vidro, com tampa de galalite. Ambos pertenceram ao mesmo homem e foram usados no mesmo ambiente. No entanto, o tinteiro da Tiffany's reflete nas suas linhas um momento histórico, social e artístico. Essa foi a razão da classificação de um objeto utilitário cotidiano como objeto decorativo. E foi o estudo desses objetos decorativos que nos levou a essa reflexão e ao desejo de sistematizar as informações colhidas sobre cada uma dessas peças, na tentativa de conhecer Rui Barbosa tomando como ponto de partida o seu gosto estético, o seu contato com o artístico e o belo. A seleção dos objetos arrolados neste trabalho seguiu um critério pessoal, baseado na importância das fábricas e na relevância desses objetos na coleção formada por Rui Barbosa e que hoje constitui o acervo do museu que leva o seu nome. Os textos que o compõem foram redigidos a partir dos trabalhos técnicos e de classificação realizados pelos museólogos servidores da Fundação Casa de Rui Barbosa Cláudia Barbosa Reis, José Manoel de Andrade Pires, Lídia Cordeiro de Oliveira, Verônica Baldarelli Senise e, ainda, Tracy Villafranca Dias, Therezinha Maria Lanego de Moraes Sarmiento e Neyde Gomes de Oliveira, responsável também pela revisão técnica e bibliográfica. O carinho com que realizou a tarefa merece o meu agradecimento especial.

¹A correspondência citada está tombada no Arquivo Histórico da FCRB.

²BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a Lado de Rui*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1960.

³PEREIRA, Edgard Batista. *A Casa de São Clemente*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.

⁴Depoimento de Antônio Ventura ao Projeto Memória de Rui, do Museu Casa de Rui Barbosa, em 25.4.1975.

⁵A Casa Leandro Martins fabricava e vendia mobiliário fino e tinha endereços às ruas Camerino número 77 a 81, Ourives, 41 a 43 e Ouvidor, 93 a 95.

⁶Depoimento de Maria Augusta Rui Barbosa. *Bahia Ilustrada*, ano 1, número 1, novembro, 1933.

⁷Depoimento de Lucila e Stela Batista Pereira ao Projeto Memória de Rui, em 25.6.1985.

⁸Depoimento de Laura Rodrigo Otavio ao Projeto Memória de Rui, em 22.8.1995.

⁹Dentre esses documentos destaca-se o livro-caixa da Loja da América e China, recolhido pelo Museu quando da extinção da firma nos anos setenta. Toda a documentação sobre o assunto faz parte do acervo do arquivo histórico da FCRB.

¹⁰Coleção de textos sobre artes decorativas e sobre os diferentes tipos de material e de objetos expostos nas Exposições de Paris.

OS OBJETOS DECORATIVOS

ARTE ORIENTAL

13

A ARTE CERÂMICA CHEGOU AO JAPÃO NO INÍCIO DA ERA CRISTÃ, IMPORTADA DA CHINA, CUJA INFLUÊNCIA SEMPRE SE FEZ PRESENTE, O QUE SE CONSTATA NA INSPIRAÇÃO E MESMO NA CÓPIA DAS FORMAS, ORNAMENTAÇÃO E TEMAS, VISANDO UNICAMENTE AO MERCADO OCIDENTAL.

EM 1868 INICIOU-SE NO JAPÃO O REINADO MEIJI, PERÍODO QUE SE CARACTERIZOU POR GRANDES REFORMAS POLÍTICAS E TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS, ENTRE AS QUAIS A ABERTURA DO PAÍS AO INTERCÂMBIO COM O OCIDENTE. AO TÉRMINO DESSE PERÍODO, EM 1912, O JAPÃO SE TRANSFORMARA NUMA NAÇÃO PODEROSA, TANTO DO PONTO DE VISTA MILITAR QUANTO DO INDUSTRIAL. A PARTICIPAÇÃO DO JAPÃO NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE PARIS, EM 1878, DETERMINOU INFLUÊNCIA BASTANTE SIGNIFICATIVA NA ARTE OCIDENTAL, TENDO EM VISTA A CURIOSIDADE QUE O UNIVERSO JAPONÊS SUSCITOU. A APROPRIAÇÃO DOS ORNATOS DITOS “DE BROCADO” PELO PINTOR GUSTAV KLIMT (1862- 1918) COMPROVA ESSE PROCESSO QUE, NA VERDADE, CONSISTIU NUMA TROCA DE INFLUÊNCIAS.

VASO/ABAJUR

TRANSIÇÃO DO SÉC. XIX PARA O XX

ORIGEM: JAPÃO

Vaso de porcelana creme, com craquelê de malha miúda, assente sobre três pés. Partes em relevo com realces a ouro. Bojo decorado por figuras de crianças e adolescentes em atividades lúdicas e biombos com motivos animais e vegetais e versos em chinês arcaico: “A primavera tem a lua completa no céu”, “No outono temos nuvens nas montanhas e água correndo nos rios” e “A aldeia está em paz no pé da montanha e as pessoas têm vida longa”. Ao fundo, em caracteres japoneses, a inscrição “Pedra Primeira”. Tradutor: Wei Young Ri



PRATOS

SÉCULO XX

MARCA NÃO IDENTIFICADA

ORIGEM: JAPÃO

14

Pratos para doces, de porcelana montada em bambu. Ornamentação policroma em relevo, realçada a ouro, tendo ao centro a figura da deusa Kichijo-ten, da Fortuna e da Beleza, ladeada por sábios.

Peça de características comerciais, exportada para o Ocidente em larga escala. Manufatura de Edo (Tóquio), do período Taisho (1912-1941).



PAR DE POTICHES

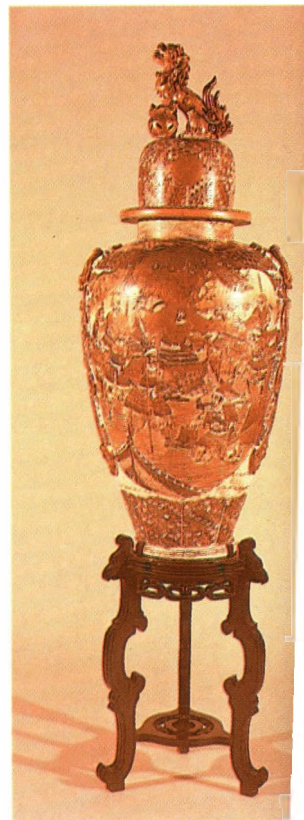
SÉCULO XIX

SEM MARCA

ORIGEM: JAPÃO

Par de potiches gênero Satsuma, de faiança decorada em esmaltes policromos realçados a ouro, com ornatos de brocado e cenas de caráter mitológico. No bojo, samurais paramentados. Na parte superior a Grande Fênix dourada e na tampa o Cão de Fô, também chamado Cão Voador, guardião do templo, sempre apresentado brincando com uma bola, que representa a Lei.

Satsuma foi um dos quatro principais centros de cerâmica no Japão e sua produção era quase que exclusivamente voltada para o mercado externo.



POTICHE

SÉCULO XIX

SEM MARCA

ORIGEM: JAPÃO

Potiche de porcelana gênero Satsuma com ornamentação policromada e realçada a ouro. Tampa encimada por Cão de Fô. No bojo, cenas da mitologia relativas à origem do Japão: os deuses Ianagi e Izamani, surgidos quando se formaram o Céu e a Terra, e de cuja união surgiram as ilhas que formam o Japão.



VASO DE BRONZE

SÉCULO XIX

ORIGEM: CHINA

Vaso de bronze fundido. Pé alto com friso de parras. Decoração em relevo por galhos de pessegueiro, pássaros e patos selvagens. Pescoço envolto por Ky-lin.

O Ky-lin, animal fabuloso e de bom augúrio, pressagia a felicidade perfeita. Tem cabeça ornada de galhos, narinas dotadas de tentáculos e assemelha-se ao dragão, tendo, porém, o corpo mais gracioso e a cauda gigantesca.

Os vasos rituais de bronze foram a primeira manifestação artística chinesa, por volta do século XII a.C. Dada a técnica apurada que apresentam, supõe-se que os conhecimentos sobre a fundição do bronze sejam bastante anteriores. No século XIX, objetos decorativos em bronze eram produzidos na China com a finalidade de atender o mercado ocidental. Essas peças não apresentam o mesmo apuro artístico encontrado naquelas produzidas para o consumo interno.



PAR DE JARRÕES

SÉCULO XIX

SEM MARCA

ORIGEM: JAPÃO

16

Par de jarrões de bronze esmaltado em *cloisonné* e *champlevé* em policromia sobre fundo negro, com trepadeiras de glicínias, íris com suas folhas, e rouxinóis, pousados e alçando vôo, em simbologia representativa do verão. Peças produzidas no período Meiji (1868-1912). O *cloisonné*, técnica decorativa em esmalte, é obtido pela soldagem de fios de metal nobre e maleável sobre base metálica, formando alvéolos onde as pastas de esmalte são dispostas para serem submetidas a uma temperatura altíssima. No Japão, os principais centros produtores do *cloisonné* foram Nagoia, Quioto e Tóquio. Na técnica do *champlevé* os alvéolos destinados a receber o esmalte decorativo são fundidos na própria peça, alojados no corpo do metal cavado e não disposto na superfície.

Essas peças foram presente da bancada baiana no Senado Federal, por intermédio de José Augusto de Freitas, em 5 de novembro de 1906 e adquiridos na Casa Leonardos, à Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro, por cinco contos de réis.



GRANDES MAGAZINES

NA BIBLIOTECA DE RUI BARBOSA ENCONTRAMOS CATÁLOGOS DA LOJA *OETZMANN & Co*, HAMPSTEAD ROAD, EAGLEPLACE, LONDON, ONDE OS ARTIGOS POSTOS À VENDA APARECEM EM DESENHOS E FOTOGRAFIAS. DESSA FORMA, E TAMBÉM COM BASE NOS DEPOIMENTOS DE MARIA LUÍSA VITÓRIA, FILHA CAÇULA DO CASAL, CONFIRMAMOS A ORIGEM DE ALGUNS OBJETOS.

17

LEITO

c. 1894

ORIGEM: INGLATERRA

Leito de casal de metal amarelo, desmontável. Cabeceira alta, decorada por panejamento lateral e de fundo.

Os leitos de estrutura de metal, cuja produção em escala comercial teve início em Midlands e Birmingham, Inglaterra, tornaram-se comuns no final do século XIX. A variedade de tipos e de metais empregados é grande, sendo os mais usados o ferro, o cobre e o latão. Alguns desses leitos, destinados à exportação, eram dotados de cortinado contra mosquitos, o que não é o caso do leito de Rui Barbosa, que, destinado a ter uso na Inglaterra, está provido de cortinas cuja função é meramente decorativa.

Adquirido na *Oetzmann & Co*.



MOBÍLIA DE ESCRITÓRIO

1907

ORIGEM: HOLANDA

18

Na *Pander & Zoner*, grande loja de móveis em Haia, Holanda, Rui Barbosa adquiriu o mobiliário que veio guarnecer o Gabinete Holandês, instalado na casa de verão em Petrópolis e composto de secretária, estante e três cadeiras de couro. Os móveis, que hoje fazem parte da Casa de Rui Barbosa, são de estilo Renascença e foram confeccionados em castanheiro e carvalho. Foram instalados no Hotel Schyveningen, onde Rui se hospedou enquanto representava o Brasil na Segunda Conferência da Paz, em 1907.



RELÓGIO

c. 1894

MARCA: THIÉRIE, NÚMERO 887-4

ORIGEM: INGLATERRA

Relógio de mesa modelo "Madeleine", cujo reproduz a forma da famosa igreja de Paris, em madeira negra com decoração em bronze dourado. Marca meia hora por meio de gongo, como é comum aos relógios de mesa.

Adquirido na *Oetzmann & Co.*



NÃO SABEMOS ONDE RUI BARBOSA ADQUIRIU OS OBJETOS FABRICADOS PELA *TIFFANY'S STUDIOS*, TODOS DATADOS DO INÍCIO DO SÉCULO XX.

LOUIS C. TIFFANY DEU FAMA À *FIFTH AVENUE TIFFANY AND Co.*, FIRMA CRIADA POR SEU PAI E POSTERIORMENTE TRANSFORMADA NA *TIFFANY'S STUDIOS*. PINTOR E *DESIGNER*, TIFFANY NOTABILIZOU-SE PELA CRIAÇÃO DE OBJETOS ARTÍSTICOS EXCLUSIVOS E PRODUZIDOS EM SÉRIE AO LONGO DE SETENTA ANOS. DURANTE A PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XX A *TIFFANY'S* CRIOU MAIS DE QUINZE PADRÕES DECORATIVOS DIFERENTES UTILIZADOS EM PEÇAS DE BRONZE OU COBRE, TRABALHADOS POR INCISÃO E RELEVO E DECORADOS POR APLICAÇÃO DE MATERIAIS DIVERSOS, SEMPRE NUMERADOS E MARCADOS. ERAM SÉRIES DE OBJETOS DE ESCRITÓRIO QUE NÃO FORMAVAM CONJUNTOS PRÉ-DETERMINADOS, E ERAM PRODUZIDOS, APREÇADOS E VENDIDOS INDIVIDUALMENTE, CABENDO AO COMPRADOR FORMAR O SEU PRÓPRIO CONJUNTO.

19

LÂMPADA DE MESA

1913

MARCA: *TIFFANY'S STUDIOS*

ORIGEM: ESTADOS UNIDOS

Lâmpada de mesa com base e armação de metal dourado de onde pende cúpula móvel de vidro sêpia fosco. Imitação de tecido pregueado. Esse tipo de vidro, desenvolvido a partir de 1913, chamou-se *Favrile Fabrique* ou *Tiffany Linefold* (linho dobrado) e foi exclusivamente usado em luminárias.



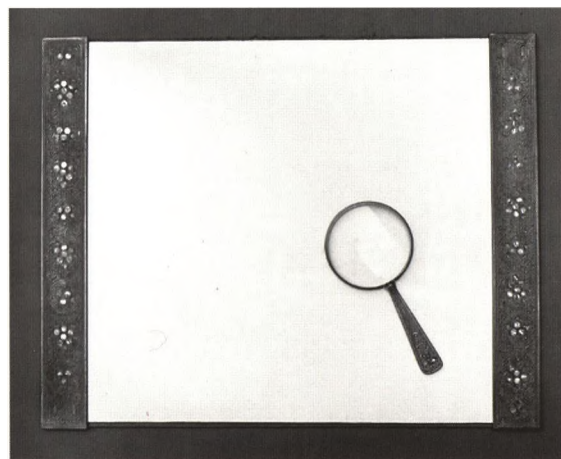
LUPA E MATA-BORRÃO

1910/1920

MARCA: *TIFFANY'S STUDIOS*

ORIGEM: ESTADOS UNIDOS

Lupa e porta-folhas de mata-borrão em bronze com aplicações de madrepérola, da linha *Abalone*. Decorações em linhas retas e sinuosas que formam cachos de uvas e folhas de parra e denotam um *art nouveau* tardio.



TINTEIRO

1910/1920

MARCA: *TIFFANY'S STUDIOS*

ORIGEM: ESTADOS UNIDOS

1 20

Tinteiro de bronze, da linha *Zodiac*, de formato hexagonal assente sobre bandeja quadrada. Decoração em relevo tendo como motivo os signos do zodíaco.

Inspiração *art déco*, estilo artístico que marcou o século XX no período entre as guerras e caracterizou-se pela geometrização. Sucedeu ao *art nouveau* e com ele se mescla num período de transição, como é o caso dos objetos aqui descritos.



NO RIO DE JANEIRO, O MAGAZINE *MAPPIN & WEBB*, À RUA DO OUVIDOR Nº 100, VENDIA ARTIGOS FINOS E PRINCIPALMENTE A CHAMADA “PRATA PRINCESA”, NA VERDADE METAL PRATEADO, EM CUJA COMPOSIÇÃO ENTRAVAM APENAS 220 PARTES DE PRATA. SUA MARCA É POSTERIOR A 1864.

PAR DE ABAJURES

1902

MARCA: *MAPPIN & WEBB GORLUX E CO.*

(ÂNCORA DENTRO DE ESCUDO / *SHEFFIELD PAT. APRIL 1902*)

ORIGEM: INGLATERRA

Abajures de cabeceira, de prata *Sheffield* laminada, vazada, repuxada e cinzelada, com cúpula vazada em elementos florais, assente sobre outra de pergaminho.

O termo *Sheffield* refere-se a um dos mais importantes centros de ourivesaria e prataria da Inglaterra. A prata chamada *Old Sheffield* é formada pela fusão de duas placas de cobre e uma de prata, por aquecimento e rotação, método que deixa transparecer os pontos de solda. A partir de 1780 essa prata foi posta à venda em larga escala e variedade.



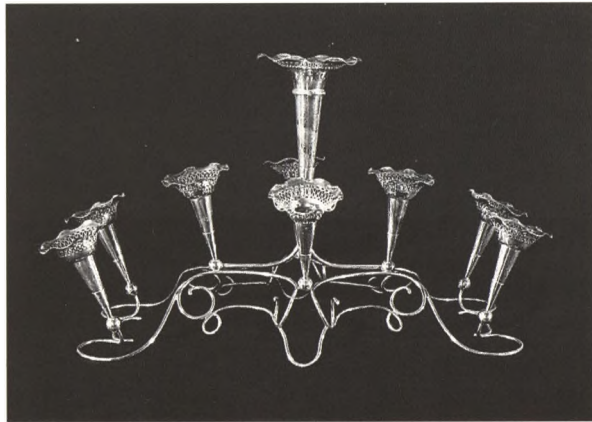
FLOREIRA

SÉCULO XX

MARCA: *MAPPIN & WEBB*

ORIGEM: INGLATERRA

Floreira de prata formada por hastes finas, roliças e curvas, terminadas em campânulas de bordo vazado. O estilo *art nouveau*, expresso no tema decorativo e na própria ornamentação da peça, marcou a transição do século XIX para o XX. Caracterizou-se por uma completa renovação da ornamentação, pela exuberância e riqueza dos temas e pela fuga à simetria obrigatória dos estilos anteriores. Seu principal elemento era a linha sinuosa e movimentada.



PRATEARIA E METAIS

LUMINÁRIA DE MESA

SÉCULO XX

MARCA: KAYSER

ORIGEM: ALEMANHA

Luminária de metal prateado em estilo *art nouveau*, cuja haste consiste na figura da célebre bailarina norte-americana Loie Fuller, usando vestido longo cuja barra forma a base da peça. Muitos escultores inspiraram-se em seus movimentos, reproduzindo-os em estatuetas de bronze.

A figura feminina foi um dos temas mais adotados no estilo *art nouveau*, aparecendo sensual ou demoníaca ou com fortes doses de erotismo. Mulheres famosas, a principal delas Sarah Bernhardt, foram exaustivamente retratadas.

A Kayser foi fundada em 1885, próximo a Düsseldorf, por John Kayser (1840-1911). A partir de 1886, adotou o estilo *art nouveau* para cinzeiros, vasos e lâmpadas.



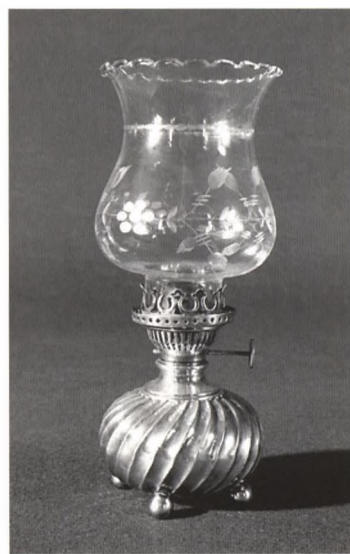
LÂMPIÃO

1892

ORIGEM: INGLATERRA

Lâmpião com depósito redondo, achatado, estriado, de prata e metal prateado, cujas marcas são o leão passante e uma âncora, símbolo da prata fabricada em Birmingham, e ainda os símbolos indicativos da fabricação e as iniciais do prateiro.

A prata inglesa começou a ser marcada no século XIII e no século seguinte o leão passante já era adotado para atestar que o objeto era manufaturado numa



com 925 partes de prata para 75 de outro metal. Até 1850, apenas Londres praticava suas peças de prata. A partir de 1850, data, Birmingham adotou a âncora e o símbolo da prata produzida.

SERVIÇO DE TOUCADOR

SÉCULO XIX/XX

MARCAS: FERRY E BACCARAT

ORIGEM: FRANÇA

Serviço de toucador em prata e cristal composto por dois frascos para perfume, porta-esponja, porta-pó-de-arroz, porta-pentes, púcaro para pó-de-arroz, saboneteira, bacia e gomil.

Os serviços de toucador tiveram origem na Espanha após o advento da prata peruana. Durante o reinado de Luís XIV, na França, tornaram-se muito populares, chegando os serviços completos a contar com trinta e cinco itens. A princípio inteiramente confeccionados em prata, foram recebendo partes em vidro e cristal, e posteriormente tendo a prata substituída pelo metal prateado.



BULE E *Bowl* DE METAL PRATEADO

1880

MARCA: *REED & BARTON*

ORIGEM: ESTADOS UNIDOS

Bule de chá e *bowl* de metal prateado apresentando decoração floral incisada. A firma *Reed & Barton*, que se chamou inicialmente *Tanton Britannia Manufactory & Co.*, e cujo nome mudou para *Reed & Barton* em 1840, foi uma das pioneiras no processo do *electroplating* na América. Esse novo processo de prateamento de metais, adotado em larga escala por ser de custo mais baixo, consiste na aposição de lâminas de prata e cobre sobre metal comum, por via eletrolítica, dando-lhe aspecto semelhante ao da prata.

Inicialmente a *Reed & Barton* copiava padrões ingleses de forma e decoração, como é o caso das peças que pertenceram a Rui Barbosa, passando mais tarde a criar e produzir os seus próprios modelos.



CONJUNTO DE LAVATÓRIO

SÉCULO XIX

MARCA: CHRISTOFFLE

ORIGEM: FRANÇA

24

Conjunto de lavatório composto de gônil, bacia, porta-escova, escova, borrifador e tampa de saboneteira de metal prateado com decoração em estrias onduladas.

Charles Christoffle, nascido em Lion, França, em 1805, revolucionou a manufatura da prata pela invenção da técnica de douramento e prateamento, utilizando a pilha voltaica numa liga em que entravam cobre, níquel e zinco, além da prata em proporções variadas. O processo foi lançado no mercado durante o reinado de Luís Filipe e sua notoriedade teve início em 1894. Suas peças apresentavam contraste – garantia do peso da prata utilizada no banho. A notoriedade de seus clientes, entre eles Napoleão III, fez com que seus produtos se tornassem cada vez mais requisitados.



LUMINÁRIA DE MESA

SÉCULO XX

ORIGEM: FRANÇA

AUTOR: BRANDT

Luminária de mesa em ferro. Base redonda, haste longa que sustenta copa vazada de onde pendem três cúpulas de vidro fosco e rugoso que estilizam frutos com seus cabos. Dentro da copa, recipiente solto utilizado para queima de incenso.

A inspiração *art nouveau* transparece nas curvas e no próprio tema, retirado da Natureza, como era característico do estilo.

Edgard William Brandt, nascido em Paris em 1880, trabalhou sempre o ferro como matéria-prima em monumentos, como o Túmulo do Soldado Desconhecido, e em portas e elementos decorativos em diversos prédios públicos de Paris. Expôs seus trabalhos em diversas partes do mundo, inclusive no Rio de Janeiro.



CONJUNTO PARA TOALETE

SÉCULO XVIII

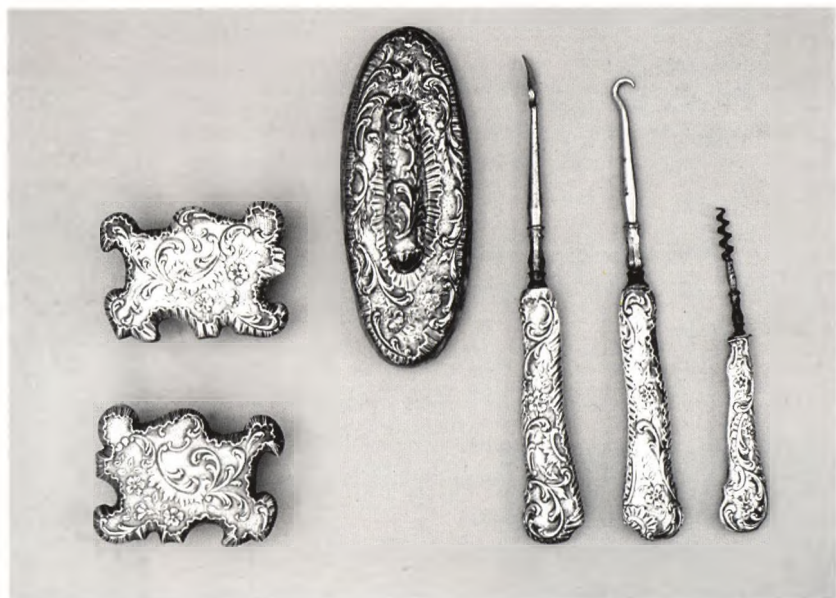
ORIGEM: BRASIL.

Conjunto de objetos de toalete de prata batida ornamentada em estilo D. Maria I, primeira fase, na qual se percebe ainda a permanência do rococó (D. José I).

D. Maria, filha de D. José I e de D. Maria Vitória, foi a primeira rainha regente de Portugal. Coroada em 1777, reinou até 1799, quando foi substituída pelo filho, o Príncipe D. João

A ourivesaria no Brasil começou no século XVI, com métodos e estilos portugueses, logo assimilados pelos mulatos, os primeiros ourives brasileiros.

No século XVII foram criados os cargos de Contraste e de Ensaaiador, para a garantia da prata fabricada em Portugal e nos seus domínios. O primeiro atestava em nome da Coroa Portuguesa a qualidade artesanal do objeto e o segundo, por sinal convencional, a punção, atestava a procedência do objeto e a qualidade da liga utilizada. O objeto de prata pronto para o comércio apresentava, portanto, punção feita pelo Ensaaiador, as iniciais autenticadoras do ourives e a burilada, incisão feita pelo Contraste para o exame da liga usada.



CRISTAIS E VIDRARIA

FRUTEIRA

SÉCULO XIX
MARCA: BACCARAT
ORIGEM: FRANÇA

Fruteira de cristal cor de rosa que apresenta decoração em faixas lisas alternadas com faixas lapidadas em bico-de-jaca.

A lapidação é uma das formas de decoração de cristais e vidros, sendo utilizada para a obtenção de efeitos especiais de luz sobre a superfície dos objetos, já que multiplica seus planos em facetas inclinadas, onduladas, em escamas ou em bico-de-jaca.

A manufatura *Baccarat* foi fundada em 1756, em Lorraine, França, com o nome de Cristaleria Ste. Anne. A princípio, seus produtos eram meras cópias das congêneres inglesas; porém, a partir de meados do século XIX, sua produção alcançou excelente padrão técnico e artístico. Suas peças lapidadas eram marcadas no fundo por etiqueta ou com a palavra *Baccarat* em relevo. Famosa até os dias de hoje, a Cristaleria Baccarat, assim denominada a partir de 1880, teve seus arquivos destruídos durante a Segunda Grande Guerra, o que dificulta a pesquisa sobre seus produtos.

CONJUNTO DE COPOS

SÉCULO XIX
MARCA: BACCARAT
ORIGEM: FRANÇA



Conjunto de copos de cristal apresentando lapidação facetada e que correspondem ao uso para champanha, água, vinho tinto e vinho branco.

COPO

1867

ORIGEM: BRASIL

SIEBER/PETRÓPOLIS

Copo para água, de vidro facetado e com decoração gravada a ponta de diamante: numa das faces a fachada do Palácio Imperial de Petrópolis e na oposta a inscrição “A. E. Nascimento Airosa 25 – dezembro – 1867”.

Seu proprietário, não identificado, pertencia à família de Raul Airosa, genro de Rui Barbosa, casado com sua filha Francisca.

Durante o Primeiro Reinado iniciaram-se as primeiras manufaturas de vidro no Brasil, dentre elas a de Francisco Antônio Maria Esberard, que perdurou até o século XX. Em 1862, os irmãos Sieber criaram, em Petrópolis, uma especialidade de vidro gravado que geralmente apresentava inscrições, brasões, timbres e siglas. A decoração, sempre ao gosto alemão, trazia também flores esparsas e letras góticas nas quais as inscrições eram gravadas na presença do freguês.



JARRA

SÉCULO XIX/XX

MARCA: VAL SAINT LAMBERT

ORIGEM: BÉLGICA

Jarra de cristal em formato cilíndrico, decorada com elementos florais e geométricos, dourada na parte externa e revestida de azul na parte interna.

A Val Saint Lambert foi a mais importante das fábricas de vidros na Bélgica. Fundada em 1825 em um monastério da Ordem de São Bernardo, nas imediações de Liège, iniciou a sua expansão em 1829 com o trabalho do químico François Kemlin. O apoio financeiro do estado belga foi fundamental para a expansão da fábrica, que em 1830 já lançava catálogos ilustrados dos seus produtos. Em 1836, a Val Saint Lambert fundiu-se a outras manufaturas e ampliou seu mercado, passando a comercializar principalmente serviços de mesa, que visavam sobretudo à classe média, e eram, inclusive, exportados para a América.



MOBILIÁRIO E TÊXTEIS

CANAPÉ

SÉCULO XIX/XX

ORIGEM: BRASIL

Canapé composto por três assentos trapezoidais estofados e três espaldares curvilíneos, violonados, vazados e decorados no estilo D. José I, que corresponde ao rococó em Portugal e nas colônias.

Esse tipo de móvel de descanso diferencia-se do sofá pela delimitação dos assentos e espaldares. A partir do último terço do século XVIII, alguns canapés passaram a apresentar assentos e tabelas – parte central do espaldar – estofados.

A peça faz parte de um conjunto de cadeiras adquirido por Antônio Batista Pereira à Sé de São Paulo, para presentear Rui Barbosa.



CADEIRA

SÉCULO XIX

ORIGEM (PROVÁVEL): INGLATERRA

Cadeira de braços gênero *bergère*, de madeira castanha e assento, espaldar e braços forrados de tecido. Braços terminados em cabeças de cisne.

As linhas do móvel correspondem ao estilo Império, característico da arte decorativa durante o período do governo de Napoleão Bonaparte (1804-1815) e cujos elementos copiavam a antiguidade clássica. Sua expressão mais marcante foi o mobiliário de linhas retas e superfícies lisas, decoradas quase que exclusivamente por aplicações de bronze. Os principais elementos utilizados na decoração foram o cisne, a abelha, a águia e a letra N inscrita em uma coroa de louros, todos associados à figura de Napoleão. O estilo foi revivido ao final do século XIX.



ESTANTE PARA PARTITURAS

SÉCULO XIX

ORIGEM: INGLATERRA

Estante de linhas retas, confeccionada em mogno e apresentando na porta estampa colorida assinada por Laura Thereza Alma Tadema, intitulada *The Carol* (O Cântico). Internamente guarnecida de prateleiras.

Na estampa que decora a peça, a assinatura de Laura Thereza Alma Tadema (1852-1909) aparece por extenso e seguida da expressão *Opus LXXXII*, o que difere do seu hábito de assinar: *L. Alma Tadema*.

A expressão *Opus* era muito usada por seu marido, o pintor holandês Lawrence Alma Tadema, radicado em Londres e dedicado aos temas da antiguidade greco-romana. Nascida Epps, família aristocrática inglesa, Laura Thereza Alma Tadema viveu em ambiente rico e intelectual. Considerada tão competente quanto o marido, inspirou-se nos mestres holandeses do século XVII, nos seus personagens e ambientes. O gênero intimista e familiar característico da escola holandesa transparece na estampa, que tem ainda como elemento temático característico o espelho que reflete um ângulo diferente da cena retratada.



TAPEÇARIA GOBELIN

SÉCULO XVIII

ORIGEM: FRANÇA

30

Tapeçaria *Gobelin*. Cena bucólica com pastores e pequenos animais, segundo cartão de François Boucher.

A tapeçaria é o trabalho feito por agulha ou tear onde a decoração é feita pela própria trama, sem bordado posterior. No tear o cruzamento das linhas dispostas vertical e horizontalmente reproduz o cartão pintado por um artista, colocado sob as linhas fixas.

A pequena manufatura da família Gobelin, de tecelões e tintureiros, foi adquirida em 1663 em nome do rei Luís XIV, sendo transformada em fábrica de tecidos para a forração de móveis. A partir de 1697, passou a produzir exclusivamente tapeçarias.

No século XVIII, após um período de decadência, a reprodução de cenas campestres e de fábulas de La Fontaine trouxe fama à manufatura Gobelin. Nesse período destacaram-se os trabalhos sobre os cartões de François Boucher (1703-1770), principalmente as séries de tapeçarias intituladas "História de Psiquê" e "Amores dos Deuses".



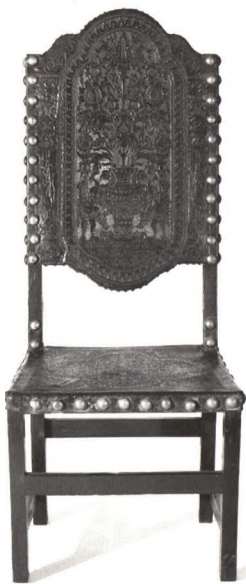
CADEIRA DE SOLA

SÉCULO XVIII

ORIGEM: BRASIL

Cadeira de espaldar alto em couro lavrado, preso à estrutura de madeira por tachas de metal. Decoração em relevo e incisão com motivos típicos do estilo nacional português, assim denominado pelo historiador inglês Robert Smith.

O estilo nacional português, que em Portugal durou do último quartel do século XVII ao primeiro do XVIII, expressou-se de maneira mais eloqüente nas cadeiras de sola. No Brasil, esses móveis começaram a ser fabricados no século XVIII, apresentando características híbridas: variações no tacheado, nas linhas das pernas e na decoração.



PORCELANA E CERÂMICA

OS CHINESES RETIVERAM POR SÉCULOS O SEGREDO DA FABRICAÇÃO DA PORCELANA: A FUSÃO DO CAULIM COM O FELDSPATO A ALTA TEMPERATURA. REMONTA, NO ENTANTO, AO SÉCULO XIII A DEMANDA NA EUROPA POR PRODUTOS CERÂMICOS. NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XVIII, NA SAXÔNIA, ESTADO ALEMÃO SOB AS ORDENS DE FREDERICO AUGUSTO, FOI FABRICADA A PRIMEIRA PORCELANA DE PASTA DURA EUROPÉIA.

À MAIS FINA DE TODAS AS CERÂMICAS, A PORCELANA APRESENTA BRANCURA ABSOLUTA E TRANSPARÊNCIA NAS ÁREAS EM QUE É MENOS ESPESSE.

PAR DE VASOS

SÉCULO XIX

MARCA: MANUFATURA IMPERIAL DE SÈVRES

ORIGEM: FRANÇA

Par de vasos de porcelana com ornatos em esmaltes e bronze dourado, cinzelado e gravado. Numa das faces, a águia imperial; ao pescoço cena militar relativa às guerras napoleônicas, pintadas por G. Poitevin: "Batalha de Moscou" e "Batalha de Wagram". Montados sobre base quadrangular assentes sobre pés em forma de garra, alças em forma de cisnes.

Os elementos decorativos, a águia e o cisne, além das cenas retratadas, são alusivos ao reinado de Napoleão Bonaparte (1804-1815) e característicos do estilo Império.



A manufatura de Sèvres originou-se na de Vincennes, fundada em 1745 e transferida para a cidade de Sèvres em 1756. Até 1769, essa fábrica produziu apenas porcelana de pasta tenra, mais porosa. O período napoleônico correspondeu ao apogeu de Sèvres, onde o estilo Império perdurou mais do que em qualquer outra manufatura. Sèvres marcou seus produtos de 1753 a 1793 com dois "L" acostados e até 1800 com a marca "RF" (République Française). Durante o século XIX sua marca foi "M IMPL. de Sèvres" em letra cursiva.

CONJUNTO DE TAÇAS

SÉCULO XIX

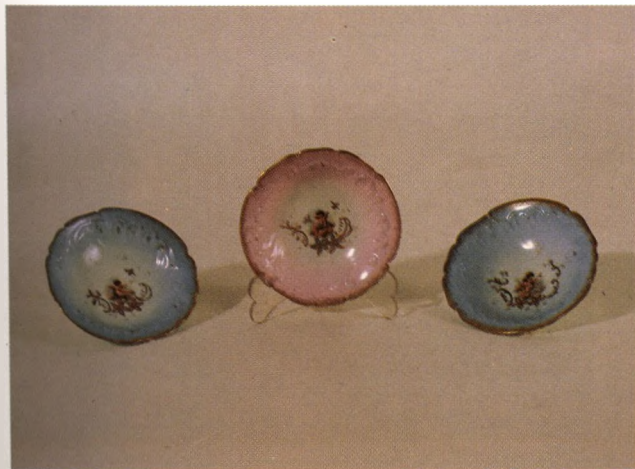
MARCA: LIMOGES (MANUFATURA NÃO IDENTIFICADA)

ORIGEM: FRANÇA

Conjunto de taças de porcelana decorada em tons pastéis realçados a ouro, tendo cupidos em poses variadas como motivos decorativos principais.

Em 1768, a descoberta de uma jazida de caulim em Saint Yrieux, na região de Limoges, possibilitou a manufatura da porcelana de pasta dura na França. Muitas fábricas instalaram-se na região, onde foi também fundada uma escola para a habilitação de profissionais em porcelana.

Adquiridos na Casa Leonardos, conforme marca no fundo das peças.



PERFUMADOR

SÉCULO XIX

ORIGEM: ALEMANHA

Perfumador de ambientes com receptáculo para a queima de incenso em porcelana branca decorada por cenas de caça e flores esparsas. Montado em tripé de bronze cinzelado e vazado dotado de faixa no mesmo material para escape de fumaça.

A primeira porcelana de pasta dura alemã foi produzida em Meissen, Saxe (Saxônia), na primeira década do século XVIII. Os técnicos de Meissen foram os primeiros a produzir peças com características européias.



AZEITONEIRA

SÉCULO XIX/XX

MARCA: ROZENTHAL

ORIGEM: ALEMANHA

34

Azeitoneira de formato oval, vazada nas extremidades e decorada por flores e folhas policromas.



BULE DE CAFÉ

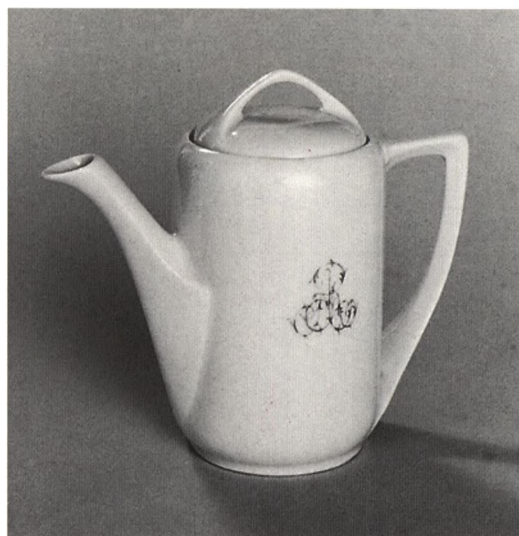
SÉCULO XX

MARCA: ROZENTHAL

ORIGEM: ALEMANHA

Bule para café de porcelana branca tendo no bojo, ao centro, o monograma RA (Raul Airoso, genro de Rui, casado com Francisca, foi tabelião por nomeação de Venceslau Brás).

A fábrica de porcelana Rozenthal foi fundada em 1880 por T. Rozenthal, na cidade de Selb, Bavária.



JARRA

SÉCULO XIX

MARCA : ZSOLNAY DE PÉCS/FÜNFKIRCHEN

ORIGEM: ÁUSTRIA-HUNGRIA.

J. J. M. (AUTOR NÃO IDENTIFICADO)

Jarra globular de porcelana vazada em elementos fitomorfos estilizados, entrelaçados, recortados e realçados a ouro.

Zsolnay de Pécs, manufatura húngara que marcou presença nas artes decorativas europeias após a Grande Exposição da Indústria de Londres, em 1851. levava muito em conta o constante aprimoramento da técnica, procurando o realce e o brilho dos esmaltes.

A expressão *Fünfkirchen* significa *Cinco Igrejas*, desenho que aparece em dourado no fundo da peça.



PAR DE FLOREIRAS

SÉCULO XVIII

MARCA: VOLKSTEDT RUDOLSTADT

ORIGEM: ÁUSTRIA

Par de floreiras de *biscuit*, de forma sinuosa, decoradas por figura feminina em trajes do século XVIII e elementos florais de inspiração rococó.

A fábrica Volkstedt-Rudolstadt foi a principal da Áustria, fundada em 1760, sob os auspícios de Johan Friedrich Schwarzberg Rudolstadt, mas que no seu período de apogeu esteve arrendada a Christian Nonne.

A marca, dois forcados cruzados, foi substituída por um "R" em 1800.

Caracterizou-se pela produção de bustos, retratos e figurinhas de estilo rococó e serviços de mesa e grandes vasos.



CACHE-POT

SÉCULO XIX/XX

MARCA: ROYAL DOULTON

ORIGEM: INGLATERRA

36

Cache-pot de faiança esmaltada de púrpura, amarelo e preto, tendo motivos decorativos em estilo greco-romano: Júpiter, Hélios e sacerdotisas.

A faiança, um tipo de cerâmica vitrificada por fogo alto e que apresenta certo grau de translucidez, foi bastante utilizada durante o século XIX na fabricação de telhas, vasilhames e especialmente *cache-pots*. A partir de 1870, a faiança passou a ser usada na confecção de peças artísticas. Na Inglaterra, a *Doulton's of Lambeth*, fundada em 1866 por Henry Doulton, empregava artistas da *Lambeth School of Art*, fato que valorizou bastante os produtos fabricados por aquela manufatura, apreciados, inclusive, pela Rainha Vitória. Após a morte de Henry Doulton, em 1897, a *Royal Doulton*, como passou a chamar-se, foi transformada em fundação.



LEITEIRA E CHOCOLATEIRA

SÉCULO XIX

MARCA: CHARLTON WARE, W&R

STOKE-ON-TRENT

ORIGEM: INGLATERRA

Leiteira e chocolateira de porcelana esmaltada de verde água e cor de rosa chá. Marca estampada no fundo das peças.

A Inglaterra assumiu uma posição de destaque na produção de uma louça de qualidade inferior, porém de grande aceitação tanto na Europa quanto nas Américas. As baixelas de *bone china*, louça em cuja composição entra o pó de osso de canela de boi, foram produzidas maciçamente durante o período vitoriano (1837-1901).



PAR DE VASOS COM PEANHA

SÉCULO XIX

MARCA: RÖRSTRAND/MARIEMBERG

ORIGEM: SUÉCIA

Vasos com peanha de decoração idêntica, de faiança policromada em estilo Renascença.

A manufatura de faiança de Rörstrand, próxima a Estocolmo, caracterizou-se pela exuberância da decoração, inspirada nas manufaturas de Saxe e no artesanato sueco. Muitos dos seus relevos eram cópias dos ornatos de ourivesaria. Ao final do século XVIII, Rörstrand uniu-se à manufatura de Marienberg, cuja marca eram três coroas, fundada em 1750, também próximo a Estocolmo. Nas peças que pertenceram a Rui Barbosa as marcas aparecem juntas seguidas de assinatura não identificada: AH/Zd X FBz



GRUPO DE *BISCUIT*
NAPOLEÃO BONAPARTE EM CENA FAMILIAR

SÉCULO XIX

MARCA: SCHEIBE-ALSBACH

ORIGEM: ALEMANHA

AUTORA: A. W. F. KISTER

38

Peça de *biscuit* representando cena familiar, onde se vêem Napoleão Bonaparte, a Imperatriz Maria Luísa, o Rei de Roma e Mme. Hortense Beurnabhais.

O *biscuit*, pasta de porcelana que sofre cozedura única e completa, apresenta aspecto de mármore branco muito fino.

A idéia de produzir delicadas esculturas de porcelana surgiu no século XVIII em Vincennes, França. As primeiras peças esmaltadas não reproduziam com

fidelidade os modelos de gesso, ficando constatado que o esmalte seguido de cozimento era responsável pela deformação. Suprimidos a camada de esmalte e o segundo cozimento, e instituídos os retoques feitos nas peças ainda com a massa mole, o *biscuit* revelou-se matéria incomparável na produção de estatuetas. Chamavam-se *répareurs* os artesãos encarregados dos retoques e do trabalho nos olhos, dedos, cachos, fitas, enfim, nos elementos delicados dos objetos.



QUADRO DE AZULEJOS

c. 1904

MARCA: JOOST THOOFT (DELFT)

ORIGEM: HOLANDA

Conjunto de doze azulejos em azul e branco, que formam quadro reproduzindo a tela "O Grande Touro", obra mais famosa de Paul Potter (1615-1654) que hoje se encontra no Museu Mauritshuis em Haia.

Paul Potter trabalhou em Haia, Amsterdã e Delft, e sua obra caracteriza-se pela representação de animais tendo a paisagem apenas como pano de fundo.

A fábrica Joost Thooft, hoje denominada De Porceleyne Fles, foi fundada em 1653 em Oosteide, Delft, e caracterizou-se pela produção de objetos cerâmicos nas cores azul e branco e pela cópia de objetos chineses com essas características.

O quadro foi adquirido durante a estadia de Rui em Haia, em 1907.



BRONZES

40

AS ESTATUETAS DE BRONZE PROLIFERARAM A PARTIR DE 1880 E ATÉ OS ANOS 10. ERAM PEÇAS DECORATIVAS INSPIRADAS MUITAS VEZES NA MITOLOGIA OU ALEGORIA, TAIS COMO A FAMA, O GÊNIO, A GLÓRIA, ETC.

ENCORAJADOS POR UMA CLIENTELA CRESCENTE, OS ESCULTORES PASSARAM A DEDICAR-SE ÀS PEÇAS DE PEQUENAS DIMENSÕES, QUE POR VEZES COPIAVAM OU REINTERPRETAVAM GRANDES TEMAS ESCULTÓRICOS. TIRAVAM-SE DE DEZ A QUINZE MIL CÓPIAS DESSAS ESTATUETAS, QUE ERAM A GRANDE ATRAÇÃO DOS MAGAZINES, VENDIDAS A PREÇOS ACESSÍVEIS. O COMÉRCIO DESSES OBJETOS ERA INTERNACIONAL, HAVENDO POR TODA A EUROPA AGÊNCIAS DISTRIBUIDORAS DAS FUNDIDAS NA FRANÇA .

DEVOIR CIVIQUE

1904

ORIGEM: FRANÇA

AUTOR: EUGÈNE MARIOTON

COPYRIGHT BY LAPOINTE

Figura masculina seminua, com o braço esquerdo erguido.

Oferecida a Rui Barbosa pelo Estado da Bahia em 1907, como homenagem por sua participação na Conferência de Haia.

O autor foi escultor e medalheiro em Paris.



SEMEUR D'IDÉES

SÉCULO XX

ORIGEM: FRANÇA

AUTOR: ÉMILE PICAULT

Figura masculina alada, sentada sobre nuvens, trazendo nas mãos uma trombeta, um saco de sementes e um livro onde se lê: "Aux quatre vents du ciel il sème les idées germes de l'avenir" (Aos quatro ventos ele semeia idéias, germes do futuro).

Oferecida a Rui Barbosa pela classe acadêmica do Rio de Janeiro em 10 de julho de 1912.

Louis Emile Picault, escultor e medalheiro, expôs no Salon des Beaux-Arts entre 1863 e 1909. A peça parece ser desse período, uma vez que traz junto à assinatura a expressão "Salon des Beaux-Arts".



BOHÈME ORIENTALE

1888

ORIGEM: FRANÇA

AUTOR: COLOMBO

Herma de mulher com a cabeça voltada para a direita.

O título refere-se à antiga denominação da parte ocidental da Checoslováquia que, ao final do século XIX, era parte do império austro-húngaro.



LA GLOIRE

c.1900

ORIGEM: FRANÇA

AUTOR: E. BARRIAS

SUSSE FRÈRES, FONDEURS À PARIS

42

Figura feminina alada, pousada sobre globo, trazendo nas mãos trombeta e coroa de louros.

Presente dos brasileiros residentes em Paris em 31 de outubro de 1907, pela participação de Rui na Conferência de Haia.

Louis-Ernest Barrias (1841-1905) foi escultor premiado no Salon des Beaux-Arts e Oficial da Legião de Honra da França.



LE DUO

1855

ORIGEM: FRANÇA

AUTOR: GEORGES VAN DER STRAETEN

Escultura de bronze pintado representando casal de cantores em trajés do século XVIII.

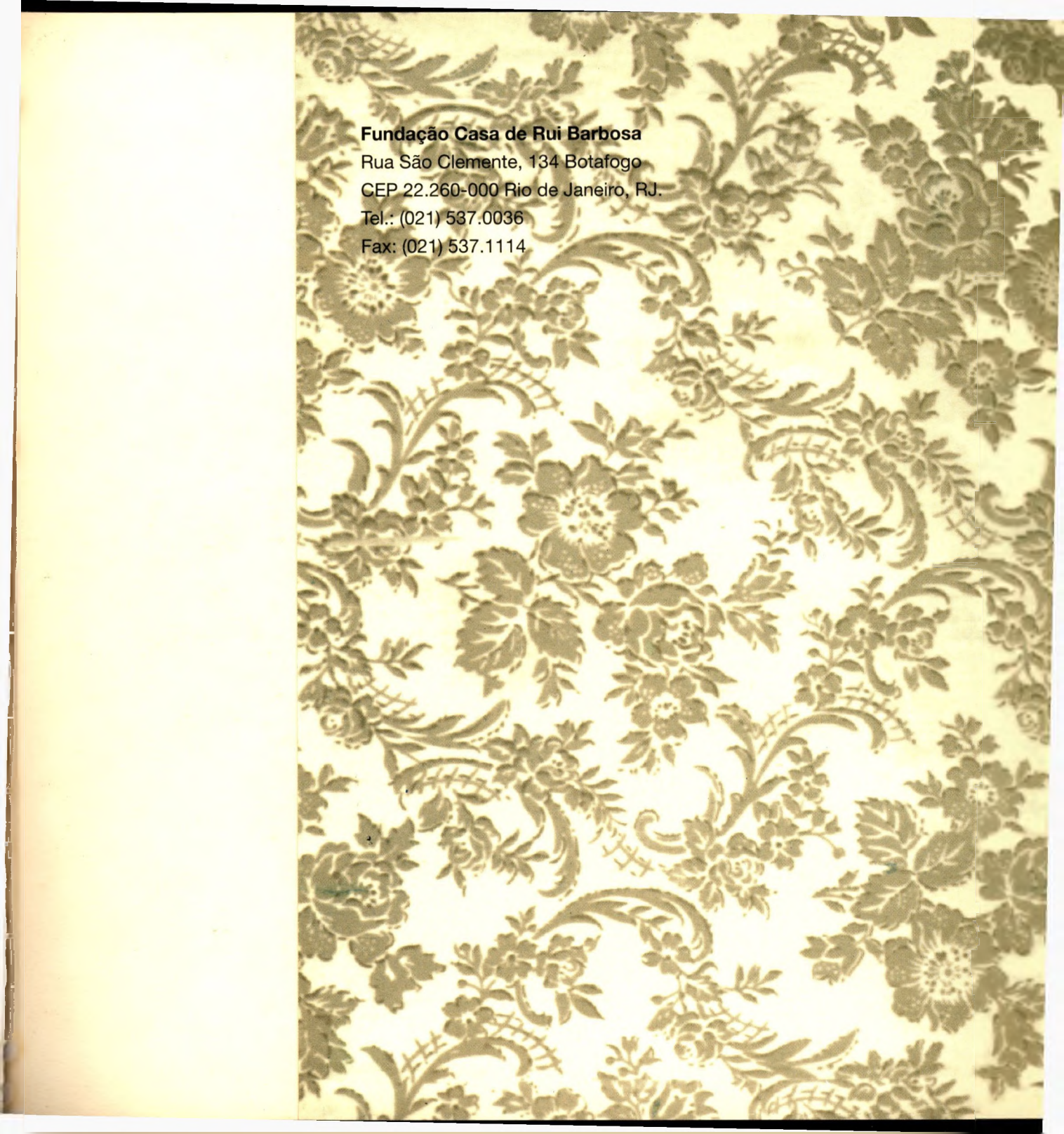
Georges van der Straeten foi escultor da Escola Belga e instalou-se em Paris em 1893, onde permaneceu até 1928. Inspirava-se no gênero de Antoine Watteau (1684-1721), pintor francês do século XVIII, que retratou as feiras, os ambulantes e cenas galantes.



BIBLIOGRAFIA

- ATTERBURY, Paul. *Histoire de la Porcelaine*. Paris: Ed. Atlas, 1984.
- AUSHER, E. S. *Comment Reconnaître les Porcelaines et les Faiences*. Paris: Librairie Garnier.
- BANDEIRA, Carlos Mannes. A Baixela do Século XIX. *Anais do I Simpósio de Arqueologia Histórica*. Rio de Janeiro: 1987.
- BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a Lado de Rui*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1960.
- BARROSO, Gustavo. *Introdução à Técnica de Museus*. Vol. II. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1953.
- BAYARD, Emile. *L'Art de Reconnaître la Céramique Française et Etrangère*. Paris: Roger et Chernoviza, 1922.
- BÉNEZIT, E. *Dictionnaire des Peintres, Sculpteurs, Dessinateurs et Graveurs*. Paris: Librairie Gründ, 1966.
- CANTI, Tilde. *O Móvel no Brasil. Origens, Evolução e Características*. Rio de Janeiro: Candido Guinle de Paula Machado, 1980.
- CARRÉ, Louis. *Guide de l'Amateur d'Ofreverie Française*. Paris: 1974.
- CHAFFERS. *Marks and Monograms on European and Oriental Pottery and Porcelain*. Borden Print Co. California, 1946.
- COLLINS. *The Collector's Encyclopedia*. London and Glasgow: 1974.
- DAVIS, Frank. *The Country Life Book of Glass*. London: 1966.
- DURDIK, Jan. *The Pictorial Encyclopedia of Antiques*. Hamlyn Pub. Group Ltd.
- ELVILLE, E. M. *The Collector's Dictionnary of Glass*. London: 1916.
- FLEMING, John e HONOUR, Hugh. *The Penguin Dictionnary of Decorative Arts*. Penguin Books, 1979.
- GUTIERREZ, Fernando, S.J. *El Arte del Japón*. Suma Artis, Historia General del Arte. Vol. XXI. 1.ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1967.
- Hamlyn Publishing Group. *Porcelain*. 1972.
- HONEY, William Bowyer. *Japan in Ceramic, Art of China and Other Countries of the Far East*. London: Faber & Faber.
- HUGHES, Eleanor. *Silver for Collectors*. London: Hamlyn Pub Group, 1974.
- JACQUEMART, Albert. *Histoire de la Céramique*. Paris: Librairie Hachette, 1893.
- JANNEAU, Guillaume. *Dicionário de Estilos*. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil, 1966.
- JENYNS, R. Soame e WATSON, William. *Art de la Chine*. 2. ed. Fribourg: Office du livre, 1973.

- KLEIN, Daniel. *All Color Book of Art Deco*. Octopus Books.
- KLEIN, Rosemary. *Encyclopedia of Antiques*. British Museum. A Guide to English Pottery and Porcelain. London: 1923.
- KOCH, Robert. *Louis Comfort Tiffany's Glass, Bronzes, Lamps*. New York: Crown Pub. Inc., 1975.
- KOVEL, Ralph e Terry. *Dictionnary of Marks*. Pottery and Porcelain. New York: Crown Pub. Inc., 1975.
- MAGNE, Lucien. *Décor du Verre*. Paris: Librairie Rénouard. H. Laurens, 1913.
- RANGEL, Maria Lúcia. Gloriosos anos Trinta nas ruas do Rio. Revista de Domingo do *Jornal do Brasil*, número 257, Rio de Janeiro, 22. 3. 81.
- RICHE, Donald. *L'Art des Fleurs au Japon Hier et Aujourd'hui*. Bijutsu Shuppan Sha. 2.ed. Tokio: Office du Livre, 1967.
- RIBEIRO, Luiz Fernando Fernandes. Catálogo da Exposição "Art Nouveau", Museu da SUAM. s.d.
- RODRIGUEZ, Nice Rúa. Arte e Japão/Japão e arte. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de julho de 1989. Suplemento.
- ROSA, Mercedes. *A Prata da Casa*. Salvador: Conselho Federal de Cultura, 1980.
- SAVAGE, George. *Glass*. Octopus Books, 1972.
- TARDY. *Poinçons d'Argent*. 9. ed. Paris, 1971.
- WYLER, Seymour B. *The Book of Old Silver*. 3. ed. New York: Crown Pub. Inc., 1937.



Fundação Casa de Rui Barbosa

Rua São Clemente, 134 Botafogo

CEP 22.260-000 Rio de Janeiro, RJ.

Tel.: (021) 537.0036

Fax: (021) 537.1114



ISBN 85-7004-190-x



9 788570 041906